

VIVENDO COM DISTINÇÃO

Na última parte do Sermão do Monte proferido por Jesus, Ele abordou os temas: hipocrisia, oração, regras para um viver justo e obediência zelosa à verdade. Jesus advertiu contra a hipocrisia ao se julgar o próximo (7:1-6), admoestou Seus ouvintes a perseverarem na oração, buscando as boas dádivas oferecidas por Deus (7:7-11) e estabeleceu o princípio do tratamento recíproco que veio a se chamar Regra de Ouro (7:12). Encerrando o sermão, Ele apresentou uma série de contrastes que desafiavam Seus ouvintes a fazerem uma escolha (7:13-27). Quando Jesus concluiu Seus ensinamentos, as multidões ficaram admiradas (7:28, 29).

JULGAMENTO JUSTO (7:1-6)

¹Não julgueis, para que não sejais julgados. ²Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. ³Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? ⁴Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? ⁵Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.

⁶Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem.

Jesus migrou do tema da ansiedade no capítulo 6 para o do julgamento no capítulo 7, instruindo Seus seguidores a não emitirem julgamentos negativos precipitados sobre os outros. Jesus não instruiu Seus discípulos a jamais emitirem algum julgamento, pois viver como cidadãos do reino de Deus, muitas vezes, requer um discernimento correto.

Versículo 1. Jesus ordenou: “**Não julgueis, para que não sejais julgados**”. A construção da proibição de Jesus no grego – μη (*mē*) com um verbo no imperativo presente – demanda a cessação de uma ação em progresso. Uma possível tradução seria: “Parem de julgar os outros”. Estaria Jesus proibindo enfaticamente qualquer tipo de julgamento? Com base em outros textos, sabemos que não era essa a intenção de Jesus. Por exemplo, mais adiante no sermão, Ele disse: “Acautelai-vos dos falsos profetas... Pelos seus frutos os conhecereis” (7:15, 16). Jesus estava dizendo que eles teriam que julgar a doutrina e o estilo de vida desses mestres, a fim de determinar se eles eram verdadeiros ou falsos e a fim de decidir se os “frutos” deles eram bons ou maus. No Evangelho de João, Jesus também disse: “Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça” (João 7:24). A exortação de Jesus proíbe o julgamento pessoal baseado somente em critérios do próprio indivíduo, mas ela orienta para que se use o justo padrão de julgamento divino.

A afirmação de nosso Senhor para não julgarmos não condena o ato de discernirmos entre o bem e o mal, pois somos orientados em outras passagens bíblicas a fazer esses julgamentos (Romanos 16:17, 18; 1 Coríntios 5:9-13; 2 Coríntios 6:14-18; Gálatas 1:9; Tito 1:9-14; 3:10, 11; 1 João 4:1-3; 2 João 9-11; Judas 3, 4). As palavras de Jesus não devem ser entendidas como uma condenação à disciplina praticada para com os membros da igreja. O próprio Jesus, em 18:15-18, ordenou-a, assim como Paulo (1 Coríntios 5:1-5; 2 Tessalonicenses 3:6,

14, 15). Como poderíamos saber que um irmão está cometendo um erro (veja Gálatas 6:1), sem julgá-lo pelo justo padrão de Deus?

A ordem de Jesus, portanto, deve ser vista no contexto do propósito do Sermão do Monte – contrastar a justiça de Deus com a dos escribas e fariseus (5:20). A palavra grega usada para “julgar” (κρίνω, *krinō*) pode referir-se a escolher, selecionar ou definir julgamentos. Neste texto está claro que Jesus estava condenando a atitude de emitir julgamentos pretensiosos e severos como faziam os escribas e fariseus. Ele estava desafiando Seus seguidores a evitarem esse tipo de disposição. A ordem de Jesus proíbe o julgar pela aparência ou o julgar os motivos pessoais ou do coração de uma pessoa (veja João 7:24; 1 Coríntios 2:11). Esse mandamento também condena a atitude de quem está sempre procurando um erro na vida de outra pessoa, enquanto se recusa a olhar para seus próprios pecados (7:3, 4). Não podemos emitir um julgamento eterno sobre outra pessoa, pois todos nós seremos julgados pelo reto juiz, Jesus Cristo (João 5:22; Romanos 2:1, 2; 14:4, 10–12; 2 Coríntios 5:10; 2 Timóteo 4:8; Apocalipse 20:11–15).

No sermão da planície, Jesus diz o seguinte no contexto de misericórdia: “Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados” (Lucas 6:36, 37). Certo comentarista disse: “Assim como nós perdoamos por termos sido perdoados, somos generosos ao julgar os outros porque Deus nos tratou com generosidade”¹.

Versículo 2. Jesus apresentou a base para o Seu mandamento contra o julgamento: **“Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também”**. Este versículo utiliza poeticamente a repetição das palavras “julgar” (κρίματι κρίνετε κριθήσεσθε, *krimati krinete krithēsesthe*) e “medida” (μέτρῳ μετρεῖτε μετρηθήσεται, *metrōi metreite metrēthēsetai*). Uma tradução mais literal seria: “Com o julgamento com que julgais, sereis julgados; e com a medida com que medis, sereis medidos”.

O versículo constitui um paralelismo sinônimo em que “julgar” e “medir” são equivalentes. A linguagem com a palavra “medir” provavelmente vinha de um provérbio da época (veja Marcos 4:24;

Lucas 6:38). O Mishná diz: “Com a medida que um homem mede ele será medido novamente”². Esta metáfora vem do comércio, onde um vendedor media a quantidade devida de mercadorias que o comprador queria adquirir. Michael J. Wilkins explicou: “A ‘medida’ poderia ser uma balança ou um jarro ou um bordão usados para se calcular peso ou distância, mas geralmente era usada no sentido figurado, como aqui (cf. 23:32)”³.

Precisamos ter o cuidado de não emitir os tipos de julgamentos que Jesus proibiu, pois seremos julgados pelo mesmo padrão que tivermos usado para julgar os outros. Se julgarmos os outros severamente, devemos esperar sermos julgados severamente por Deus, o supremo Juiz. O Talmude diz: “Aquele que emite julgamento [divino] sobre seu próximo está, em primeiro lugar, condenando a si mesmo [por seus pecados]”⁴. David Hill explicou: “Segundo os rabinos, Deus julgou o mundo com duas ‘medidas’ – misericórdia e justiça”⁵. Devemos ser misericordiosos para com os outros para que Deus seja misericordioso para conosco (Tiago 2:13).

Versículos 3 e 4. Jesus ofereceu duas ilustrações correlacionadas para esse caso. A primeira envolvia a observação de uma falta (**vês**; 7:3) e a segunda impunha a correção dessa falta (**tirar**; 7:4). Jesus estava indagando: “Como você pode criticar o seu irmão por ter cometido uma pequena falta, quando você mesmo cometeu uma tão grande?” A palavra grega traduzida por **argueiro** (κάρφος, *karfos*) refere-se a uma partícula de palha ou madeira. A NVI e a BJ dizem “cisco”. Jesus não justificou o pecado na vida do indivíduo que estava sendo julgado, mas Ele contrastou seu pecado menor com o pecado muito maior na vida do crítico. A palavra traduzida por **trave** (δοκός, *dokos*) pode se referir a qualquer viga de madeira, incluindo as usadas para suportar o telhado de uma casa. A figura que Jesus usou aqui pode ter sido extraída dos Seus muitos anos de trabalho como “carpinteiro” (τέκτων, *tektōn*; 13:55; Marcos 6:3).

Assim como em partes anteriores do sermão,

²Mishná, *Sotah* 1.7; veja Talmude, *Shabbath* 127b.

³Michael J. Wilkins, “Matthew”, em *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, vol. 1, *Matthew, Mark, Luke*, ed. Clinton E. Arnold. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2002, p. 50.

⁴Talmude, *Rosh há-Shanah* 16b.

⁵David Hill, *The Gospel of Matthew*, *The New Century Bible Commentary*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992, p. 146; veja *Leviticus Rabbah* 29.3.

¹Douglas R. A. Hare, *Matthew*, Interpretation. Louisville: John Knox Press, 1993, p. 76.

Jesus empregou uma figura de exagero para deixar Sua ideia clara (veja 5:23, 24, 29, 30, 34–36, 40). Todavia, a hipérbole que Ele usou aqui é mais cômica, e até absurda. Talvez seja comparável à figura de Jesus de um camelo passando pelo buraco de uma agulha (19:24) ou de alguém coando o mosquito e engolindo o camelo (23:24). Craig S. Keener observou: “Assim como ninguém quer um cego o guiando a um buraco (15:14; 23:16), ninguém quer um cirurgião cego operando seus olhos”⁶. Ter um “argueiro” ou uma “trave” no olho poderia ser uma expressão proverbial para comunicar a ideia de pecados menores e maiores⁷.

Versículo 5. Jesus usou uma segunda ilustração que envolvia correção. Ele chamou o homem que cometera um pecado maior de **hipócrita** (veja os comentários sobre 6:2, 5). E descreveu-o como um indivíduo presunçoso que se achava melhor do que os outros. A natureza do presunçoso é justificar a si mesmo enquanto condena os outros (veja 2 Samuel 12:1–14). À luz desse fato, o Talmude oferece este bom conselho: “Não insultes o teu próximo com o defeito que tu mesmo tens”⁸.

Jesus não disse que o pecado menor deveria ser ignorado. Ao contrário disso, Ele observou: **“Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão”**. A ideia não é que o crítico deveria tirar “a trave” para poder julgar seu irmão; e, sim, que ele deveria tirá-la para estar apto a enxergar mais claramente e, assim, ajudar o irmão a tirar “o argueiro” dos olhos dele. O poder de tirar o argueiro não reside na própria justiça de alguém, mas no amor que essa pessoa tem pelo irmão em pecado e no seu genuíno desejo de ajudar o outro (Lucas 17:3; Romanos 15:1; Gálatas 6:1; 2 Timóteo 4:2; Tito 1:13).

Versículo 6. Após ordenar que parassem de emitir julgamentos injustos, Jesus pediu que Seus discípulos fizessem uma importante distinção: **“Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem”**.

Naquele tempo, a domesticação de cães era rara. Eles perambulavam em matilhas e atacavam humanos, se fossem provocados ou se estivessem famintos o bastante para isso. Consequentemente,

os judeus tinham uma visão muito negativa deles (Salmos 22:16; Provérbios 26:11; Lucas 16:21; 2 Pedro 2:22; Apocalipse 22:15). Chamar uma pessoa de “cão” era um dos mais graves insultos que se podia lançar contra alguém (1 Samuel 17:43; 2 Samuel 16:9). Os judeus chamavam os gentios de “cães” (15:26, 27) e Paulo usou esse termo para os falsos mestres (Filipenses 3:2).

A expressão “o que é santo” (τό ἅγιον, *to hagion*) é usada com pequenas variações na Septuaginta para se referir à carne oferecida em sacrifício (Êxodo 29:33, 34; Levítico 2:3; 22:10–16; Números 18:8–19). Nenhum judeu com respeito próprio pensaria em dar a um cão um pedaço de carne que fora oferecido como sacrifício a Deus. Jesus estava declarando que as boas novas do evangelho demandavam grande respeito e não deveriam ser desperdiçadas com quem se recusasse a ouvir.

Porcos são mencionados junto com cães em outras passagens (2 Pedro 2:22). Eram animais impuros (Levítico 11:7; Deuteronômio 14:8) e, portanto, eram encontrados principalmente em regiões gentílicas (8:30–32; Lucas 15:15, 16). Um judeu honroso nem ousava tocá-los. Durante o período intertestamentário, o tirano selêucida Antíoco tentou forçar os judeus a sacrificarem porcos e a comerem carne suína. Todavia, ele descobriu que os judeus estavam dispostos a morrer no lugar de fazer essas coisas detestáveis⁹. Uma vez que os judeus não criavam porcos, os que viviam nas regiões da Judeia eram selvagens, comedores de carniça que engoliam qualquer coisa (Salmos 80:13).

Seria inimaginável atirar pérolas, consideradas de grande valor, a criaturas tão vis como os porcos. Assim como na figura anterior de dar alimento sagrado a cães, os dois – pérolas e porcos – eram altamente incompatíveis (veja Provérbios 11:22). As pérolas seriam pisadas porque os porcos não lhes atribuem valor algum (veja 5:13; Hebreus 10:29). Se alguém tentasse alimentar porcos com pérolas, estes até revidariam com vingança, atacando e despedaçando a pessoa.

Mais uma vez, assim como no caso do “que é santo”, as “pérolas” representam as boas novas do reino (veja 13:45, 46)¹⁰. Os cães e os porcos, neste contexto, representam os irreligiosos, e não os gentios. Referem-se a todas as pessoas que são hostis ao evangelho, independentemente de

⁶Craig S. Keener, *A Commentary on the Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999, p. 241.

⁷Veja Talmude, *Arakhin* 16b; *Baba Bathra* 15b.

⁸Talmude, *Baba Metzia* 59b.

⁹1 Macabeus 1:16, 41, 42, 47; 2 Macabeus 6:18–7:42.

¹⁰No Talmude, uma fala importante também é simbolizada por “pérolas”. (*Kiddushin* 39b.)

raça ou nacionalidade. Tais pessoas são indignas da mensagem porque tratam o que é santo com desdém (veja Provérbios 9:7–9; 23:9).

Mais tarde, Jesus disse aos discípulos que, se eles entrassem numa cidade ou numa casa e a mensagem que proferissem fosse ali rejeitada, deveriam “sacudir o pó dos pés” e partir para outra cidade ou casa onde houvesse pessoas mais receptivas (10:13, 14). Sempre que Paulo experimentava hostilidade da parte de judeus incrédulos, ele desistia deles e levava a mensagem para gentios receptivos (Atos 13:45–52; 18:5–7; 28:23–28).

PERSEVERANÇA NA ORAÇÃO (7:7–11)

7Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. 8Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. 9Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? 10Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? 11Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?

Jesus voltou ao tópico da oração, já comentado anteriormente no sermão (6:5–15). Ele começou com três exortações para orarmos: “pedi”, “buscai” e “batei” (7:7, 8). Esses imperativos são seguidos por suas ilustrações que envolvem a resposta de um pai aos pedidos de um filho por “pão” e “peixe” (7:9, 10). Os mandamentos de Jesus sobre oração terminam com um argumento do menor para o maior (“quanto mais”), enfatizando o amor do Pai celestial.

Versículos 7 e 8. Usando três imperativos diferentes, Jesus enfatizou a importância da oração. Pedir é um ato comum na oração (veja 21:22; Marcos 11:24; João 14:13, 14; 15:7, 16; 16:23, 24), ao passo que **buscar** e **bater** são usados metaforicamente (veja Apocalipse 3:20)¹¹. Os verbos gregos no presente do imperativo usados no versículo 7 sugerem ação contínua. O NTJ diz: “Peçam continuamente... continuem procurando e continuem batendo”.

Lucas registrou duas parábolas de Jesus sobre a persistência na oração que se referem ao tema “buscar” e “bater”. Lucas 18:1–8 retrata uma viúva que continuava buscando justiça de um juiz

¹¹“Bater” também é usado metaforicamente para “oração” no Talmude, que diz que Mordecai “bateu nas portas da misericórdia e estas se abriram para ele” (*Megillah* 12b).

injusto sendo, finalmente, recompensada por sua perseverança. Em Lucas 11:5–8, um homem foi à casa de um amigo à meia-noite pedindo pão emprestado para um hóspede inesperado. Por causa de sua persistência, o amigo levantou da cama e lhe deu o que ele necessitava.

Jesus prometeu: **“Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á”**. Deus não Se ofende com nossos pedidos, nem os ignora. Ele sempre abre a porta para nós e jamais nos manda embora sem nos dar o que necessitamos. Tiago disse que Deus “a todos concede de modo generoso e sem condenação” (Tiago 1:5; NTJ).

Versículos 9 e 10. A seguir, vêm mais duas ilustrações (apresentadas como perguntas), mostrando como os pais terrenos respondem aos pedidos dos filhos. Primeiramente, Jesus perguntou: **“Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra?”** A resposta óbvia para essa pergunta é: “Nenhum de nós!” A conexão entre um “pão” e uma “pedra” provavelmente era o formato arredondado. Esta comparação também é sugerida na primeira tentação de Jesus no deserto, em que o diabo insistiu para Jesus transformar pedras em pão (4:3).

Jesus, usando a arte da repetição, fez outra pergunta semelhante: **“Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra?”** Novamente, a resposta é um ressoante: “Nenhum de nós!” Uma leitura casual do texto traz à mente uma cobra venenosa que feriria ou mataria uma criança – e poderia ser este o caso. Afinal, a palavra ὄφις (*ofis*) refere-se tipicamente às serpentes no Novo Testamento (Marcos 16:18; 1 Coríntios 10:9). Todavia, outra possibilidade é que a referência aqui seja a uma espécie de enguia encontrada no mar da Galileia¹². Edwin Firmage argumentou que, em muitas culturas antigas, era comum identificar o peixe-cobra como uma cobra¹³. Neste caso, a “cobra” simplesmente era como a pedra acima – algo não comestível. Levítico 11:9–12 proíbe os judeus de comerem peixe que não possuísse nadadeiras e escamas.

Pão e peixe representam os alimentos mais co-

¹²R. T. France, *The Gospel According to Matthew*, The Tynedale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, p. 144; Robert H. Mounce, *Matthew*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991, p. 66.

¹³Edwin Firmage, “Zoology,” em *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freedman. Nova York: Doubleday, 1992, 6:1147.

muns nas regiões habitadas circunvizinhas ao mar da Galileia. Quando Jesus, através de um milagre, alimentou cinco mil, depois mais quatro mil pessoas, a refeição que comeram foi pão e peixe (14:15–21; 15:32–38). O relato de Lucas acrescenta que Jesus também disse: “Ou, se lhe pedir um ovo lhe dará um escorpião?” (Lucas 11:12). Os escorpiões pertenciam a uma variedade de “criaturas” impuras “que povoam a terra” (Levítico 11:29–31) e sua ingestão era, por isso, proibida. Existe uma espécie de escorpião que possui uma crosta exterior e lembra um ovo quando se enrola para dormir. Se alguém pegasse esse escorpião por engano, pensando ser um ovo, poderia ser gravemente ferido.

Versículo 11. A conclusão de Jesus é óbvia e poderosa: **“Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?”**. Jesus utilizou novamente um argumento do menor para o maior para demonstrar que Deus é sempre generoso para com o Seu povo. Ao fazer isso, Ele Se referiu aos Seus ouvintes como “maus” (πονηρός, *ponēros*). Esta palavra, que aparece oito vezes no sermão (5:11, 37, 39, 45; 6:13, 23; 7:17, 18), é usada aqui em comparação com Deus, o qual é perfeitamente “bom” (19:17; veja 5:48). Quando comparados com Deus, até os melhores pais são considerados maus¹⁴.

Nenhum pai amoroso trataria um filho com tamanha crueldade, a ponto de lhe dar uma pedra ou uma cobra quando ele pedisse pão ou peixe. Bons pais só querem o melhor para seus filhos. Se pais humanos querem suprir as necessidades de seus filhos, sabemos que o nosso Pai celestial certamente suprirá as necessidades dos Seus filhos (Filipenses 4:19; Tiago 1:17; 1 Pedro 3:12; 5:7; 1 João 5:14, 15). Deus deseja abençoar os Seus filhos. As Escrituras não impõem limite ao que Ele está disposto a fazer pelos que pedem com fé e de acordo com a vontade dEle.

Considerando que as ilustrações de Jesus (pão e peixe) são físicas, é fácil interpretar a expressão “boas coisas” num sentido físico. Todavia, embora Deus supra as necessidades físicas de Seus filhos (6:33), Ele supre especialmente as necessidades espirituais. Em vez de “boas coisas”, Lucas 11:13 diz “o Espírito Santo”. O pedir, buscar e bater dos discípulos pode estar relacionado especificamente ao poder espiritual de que eles precisariam

para cumprir os ensinamentos desafiadores deste sermão (veja Romanos 8).

UM RESUMO: A REGRA DE OURO (7:12)

¹²Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.

Versículo 12. Numa espécie de resumo do que disse anteriormente, Jesus fez um esboço sobre como tratar o próximo mundialmente conhecido como “A Regra de Ouro”. O princípio básico tem sido reconhecido até por descrentes como a ética moral mais elevada dada entre os homens. Sábios e filósofos de formação, asiática, Greco-romana e judaica fizeram admoestações semelhantes. Contudo, a maioria das regras criadas por esses homens eram declarações negativas.

O filósofo chinês Confúcio disse: “O que você não quer que façam a você, não faça aos outros”¹⁵. O filósofo grego Isócrates exortou: “O que te ofende quando você sofre nas mãos de outros, não faça isso aos outros”¹⁶. O filósofo grego Aristóteles, quando questionado sobre como deveria se comportar com os amigos, respondeu: “Assim como gostaríamos que eles se comportassem conosco”¹⁷. O rabino Hillel disse a um prosélito gentio: “O que é odioso a você, não fala ao seu próximo”¹⁸. O Livro de Tobias, na Apócrifa, aconselha: “Não façam a ninguém o que não queres que te façam”¹⁹. E outro apócrifo, Eclesiástico diz: “Entende os desejos de teu próximo pelos teus, e sê ponderado em tudo o que fazes”²⁰. A Carta de Aristeia afirma: “Assim como não desejas que te sobrevenham males, e sim bênçãos, (seria sábio) se pusesses isto em prática com seus semelhantes”²¹.

A admoestação de Jesus é expressa positivamente, e os atos citados não se limitam a algum grupo particular (como os amigos): **“Façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam”** (NVI)²². Se Jesus tivesse feito uma declaração ne-

¹⁵Confúcio, *Analects* 15.23.

¹⁶Isócrates, *Nicocles (Os Ciprianos)* p. 61.

¹⁷Diógenes Laércio, *Vidas de Filósofos Eminentíssimos* 5.21.

¹⁸Talmude, *Shabbath* 31a.

¹⁹Tobias 4:15 (Bíblia Sagrada, 47^a. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003).

²⁰Eclesiástico 31:15 (Bíblia Sagrada, 47^a. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003).

²¹Carta de Aristeia 207.

²²Em Lucas 6:31 a Regra de Ouro dada por Jesus aparece no contexto de amar os inimigos e não revidar contra eles

¹⁴Hill, p. 149.

gativa, “a Regra de Ouro seria cumprida em não se fazer nada. A forma positiva nos põe em ação em favor dos outros; nos convoca a fazer pelos outros todas as coisas que gostaríamos que fossem feitas por nós”²³. Jack P. Lewis disse: “A forma positiva da regra conecta um homem a atividades comparáveis às do bom samaritano (Lucas 10:30ss.)”²⁴.

Quando Jesus apresentou a Regra de Ouro, Ele não estava dando uma nova lei tanto quanto resumindo a essência da **Lei** e dos **Profetas**. Mais tarde, Ele fez uma declaração semelhante a respeito dos mandamentos do Antigo Testamento para “amar o Senhor teu Deus” (Deuteronômio 6:5) e “amar ao próximo como a ti mesmo” (Levítico 19:18). Ele disse: “Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (22:40). Depois de dar a versão negativa da Regra de Ouro, o rabino Hillel continuou: “Nisto consiste toda a Lei, o resto é comentário.”²⁵ Deve-se notar que a Regra de Ouro, conforme ensinada por Jesus, é muito semelhante ao mandamento para “amar o próximo como a ti mesmo” (veja Romanos 13:8–10; Gálatas 5:14).

O versículo 12, introduzido por “pois” pode funcionar como um resumo do Sermão do Monte. A Lei e os ensinamentos de Jesus deveriam ser vistos pelas lentes da Regra de Ouro. A expressão “a Lei e os Profetas” forma um paralelo com a expressão anterior “a Lei ou os Profetas” em 5:17. Essas referências servem de colchetes para o corpo principal do sermão (5:17—7:12).

EXORTAÇÕES FINAIS (7:13–27)

Na conclusão do sermão, Jesus exortou os discípulos a obedecerem ao Seu ensinamento. Ele colocou diante deles uma série de contrastes pelos quais eles deveriam optar: dois caminhos diferentes (7:13, 14), duas espécies de árvores (7:15–20), duas categorias de seguidores (7:21–23) e dois tipos de construtores (7:24–27). R. T. France escreveu: “Cada opção apresenta um contraste entre o legítimo e o ilegítimo, e essa legitimidade não se encontra naquilo que ele professa, mas no que ele pratica”²⁶. A ênfase reside em fazer o que é certo. O verbo grego ποιέω (*poiēō*), geralmente traduzido por “fazer”, ocorre nove vezes nesta seção

(veja Lucas 6:27–36).

²³Mounce, p. 66.

²⁴Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew*, Part 1, *The Living Word Commentary*. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, p. 113.

²⁵Talmude, *Shabbath* 31a.

²⁶France, p. 146.

referindo-se a obediência.

Dois Caminhos Diferentes (7:13, 14)

¹³Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), ¹⁴porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.

Versículos 13 e 14. Jesus instou Seus discípulos a entrarem pela **porta estreita**. A palavra grega usada aqui para “estreita” (*στενός*, *stenos*) sugere “dificuldade extrema”, como se o indivíduo fosse “espremido ao passar por uma abertura”. Em Seu comentário da parábola da porta fechada, Jesus disse: “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão” (Lucas 13:24). O termo grego para “esforçai-vos” (*ἀγωνίζομαι*, *agōnizomai*) é a fonte das palavras “agonizar” e “angústia”. A implicação é que é necessário muito esforço para entrar no céu (veja 5:20; 19:24).

No grego **entrai** (*εἰσελάθατε*, *eiselthate*) está no aoristo do modo imperativo, demandando ação específica; é uma ordem. Quando Jesus disse essas palavras, elas não tinham o cunho de uma advertência, mas de uma exortação ou convite. Jesus estava recebendo todos que iam até Ele.

Quem entra pela porta estreita também passará pelo **caminho** [que é] **apertado**. No grego “é apertado” é a tradução de (*θλίβω*, *thlibō*) que também pode significar “comprimir”, “restringir” e “afligir”. A estrada percorrida pelos discípulos de Jesus estará cheia de dificuldades, lutas e até perseguições. As antigas estradas da Palestina serviram de pano de fundo para a ilustração de Jesus. Robert H. Gundry observou: “Terrenos relativamente planos permitiram estradas largas, de fácil tráfego. Mas terrenos montanhosos comprimiram as estradas, dificultando o tráfego por elas”²⁷.

Na ilustração de Jesus, qual é a relação entre a porta estreita e o caminho apertado? France respondeu: “A ‘porta estreita’ está no começo ou no fim do ‘caminho difícil’? Ou o caminho difícil deve ser visto talvez como o caminho pela porta, de modo que as duas imagens se misturam?”²⁸ Inde-

²⁷Robert H. Gundry, *Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, p. 127.

²⁸France, p. 146.

pendentemente da resposta para essas perguntas, a ideia principal de Jesus é clara. Ele estava exigindo que as pessoas fizessem uma escolha entre dois modos de vida alternativos, que resultariam em dois destinos diferentes: **vida eterna e destruição eterna**²⁹. Só podemos seguir um dos dois caminhos. Ao optar por um, estamos rejeitando o outro. Eles começam em dois lugares diferentes, não se interceptam e não há atalhos de um para o outro. É nesta vida que temos que decidir qual estrada trilhar e qual destino desejamos atingir. Se escolhermos fugir dessa decisão, já estamos decidindo por não andar no caminho apertado.

Jesus instou Seus ouvintes a andarem pelo caminho apertado porque a outra alternativa conduz a uma destruição trágica: **“Larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição”**. A palavra grega usada para “largo” (εὐρύχωρος, *euruchoros*) significa “espaçoso”. Esse caminho não tem requisitos nem restrições. Não demanda comprometimento, nem maturidade moral e espiritual; mas a recompensa final dele é morte e destruição (Romanos 6:23). Por ser largo e convidativo, **muitos** optam por ele, embora ele seja um caminho de morte. O povo de Deus quase sempre foi a minoria (veja Gênesis 6:1–22).

A respeito desses versículos, Donald A. Hagner salientou que a metáfora dos “dois caminhos” era um recurso retórico comumente usado e citou exemplos do Antigo Testamento, da literatura intertestamentária, dos Rolos do Mar Morto, da literatura rabínica e dos Pais Apostólicos³⁰. Só no Antigo Testamento, o povo de Deus é confrontado com a escolha entre “uma bênção” e “uma maldição” (Deuteronômio 11:26), “vida e prosperidade” e “morte e adversidade” (Deuteronômio 30:15), “o Senhor” e “os deuses a quem seus pais serviram” (Josué 24:14, 15), justiça e iniquidade (Salmos 1:1–6) e “o caminho da vida” e “o caminho da morte” (Jeremias 21:8).

Duas Espécies de Árvores e o Fruto dos Falsos Profetas (7:15–20)

¹⁵Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por

²⁹Na literatura rabínica, duas estradas também são retratadas: uma que leva ao Paraíso e outra, ao Geena. (Talmude, *Berakoth* 28b.)

³⁰Donald A. Hagner, *Matthew 1–13*, Word Biblical Commentary, vol. 33A. Dallas: Word Books, 1993, p. 178.

dentro são lobos roubadores. ¹⁶Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? ¹⁷Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. ¹⁸Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. ¹⁹Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. ²⁰Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.

Versículo 15. Jesus mudou do assunto dos dois caminhos para o das duas espécies de árvores – a árvore boa e a árvore má. Ele estava advertindo contra **falsos profetas**. A conexão óbvia com a admoestação anterior é que os “falsos profetas” que viriam instigariam o povo a andar no “caminho largo”.

A advertência contra os falsos profetas remonta à fundação de Israel. Moisés identificou o falso profeta para o povo quando disse: “Sabe que, quando esse profeta falar em nome do Senhor, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é palavra que o Senhor não disse; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele” (Deuteronômio 18:22). Em outras palavras, quando uma pessoa que alega ser profeta faz uma predição que não se cumpre, essa pessoa provou ser um falso profeta.

De que falsos profetas Jesus falava? Considerando que Jesus estava se reportando a um público judeu, Ele poderia ter em mente falsos profetas que alegavam ser o Messias. Mais tarde, Ele disse aos Seus apóstolos: “Levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos... porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos” (Mateus 24:11, 24). Esses impostores messiânicos surgiram no primeiro século, chegando até a juntar exércitos com o fim de derrotar os romanos. Todavia, quando eles e suas tropas foram derrotados, ficou evidente que tais líderes não eram chamados nem ungidos por Deus. Atos menciona três desses impostores: Teudas, Judas da Galileia e o egípcio (cujo nome não é citado) (Atos 5:36, 37; 21:38)³¹.

Como Jesus estava conduzindo especificamente a mente de Seus discípulos a anteciparem o reino (a igreja), Ele poderia também estar prevendo

³¹Veja Flávio Josefo, *Antiguidades* 20.5.1, 2; *Guerras* 2.13.5.

o perigo dos falsos mestres dentro do cristianismo. Nos primórdios da igreja, antes da conclusão do cânone do Novo Testamento, o dom da profecia foi essencial para o plantio e desenvolvimento de congregações (1 Coríntios 12:10, 28; 14:1–40). A igreja foi edificada “sobre o fundamento dos apóstolos e profetas” (Efésios 2:20), ou seja, sobre o ensino inspirado deles a respeito de Cristo e da vontade do Pai. Cristo enviou apóstolos e profetas fiéis e inspirados. Todavia, falsos mestres procuraram imitá-los, inserindo suas próprias ideias e falsas profecias. Sendo assim, as mensagens anunciadas tinham que ser examinadas (1 Coríntios 12:10). Paulo instruiu os tessalonicenses: “Não apagueis o Espírito. Não desprezeis as profecias; julgai todas as coisas, retende o que é bom” (1 Tessalonicenses 5:19–21).

Nos primórdios da igreja, existiam falsos profetas e, por isso, Paulo advertiu os presbíteros da igreja em Éfeso: “Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho” (Atos 20:29). Pedro também advertiu: “...assim também haverá entre vós falsos mestres” (2 Pedro 2:1). O apóstolo João, que deve ter escrito bem depois de Pedro, disse: “...muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora” (1 João 4:1). João também escreveu: “Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más” (2 João 10, 11). Ele estava fazendo uma referência específica aos que estavam ensinando que Cristo não viera em carne. O problema dos falsos profetas e mestres dentro do cristianismo só se multiplicou desde o começo da igreja³².

Jesus disse que esses falsos profetas se **“apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores”**. A natureza impostora dos falsos profetas é evidente. Esses mestres viam disfarçados para enganar os pastores, e não as ovelhas. A metáfora apresenta-os usando pele de ovelha, como usam os verdadeiros pastores. Vestir-se de pele era a moda dos antigos profetas que também usavam capas de peles, incluindo pele de ovelha (2 Reis 1:8; Zacarias 13:4; Mateus 3:4; Hebreus 11:37).

Esses impostores eram especialmente perigosos porque fingiam ser verdadeiros ministros de Deus que se preocupavam genuinamente com as ovelhas. Todavia, o propósito todo deles era destruir e,

como lobos selvagens, devorar o rebanho (veja João 10:10, 12; Atos 20:29; 2 Coríntios 11:13–15; 2 Timóteo 3:13). Eram desonestos em relação ao que criam e a motivação deles era o ganho pessoal.

Versículo 16. Jesus declarou: **“Pelos seus frutos os conhecereis”**. Como podemos detectar um falso profeta? Jesus disse, em outras palavras, para “inspecionarmos o fruto deles”. O fruto reflete o tipo de árvore que o produz. Jesus disse que **uvas** não crescem de **espinheiros**, nem **figos**, de **abro-lhos**; mas que uvas crescem de videiras sem espinheiros e figos crescem de figueiras sadias.

Versículos 17 e 18. E Jesus acrescentou: “Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons”. Hill explicou: “Estes versículos ilustram uma forma semita de enfatizar uma ideia: faz-se a declaração positivamente (17) e depois negativamente (18)”³³. O fruto mau do falso profeta provavelmente refere-se ao seu estilo de vida imoral ou às vidas corruptas de seus seguidores³⁴. Também pode incluir falso ensino (veja 12:31–37; Lucas 6:43–45). O fruto é mau porque a árvore é má.

Versículos 19 e 20. Jesus concluiu dizendo: **“Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis”**. As palavras de Jesus são uma repetição do que disse João Batista (veja os comentários sobre 3:10). Os agricultores de árvores frutíferas precisam podar constantemente as árvores e jogar fora os galhos improdutivos. Também precisam cortar as árvores infrutíferas para abrir espaço para as produtivas (veja João 15:2, 6). Do mesmo modo, os falsos profetas e mestres serão separados no dia do juízo e serão lançados para o fogo eterno (Apocalipse 20:10). Agora, pode parecer que eles estão escapando do julgamento, mas “o juízo lavrado [deles] há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme” (2 Pedro 2:3). **Pelos seus frutos os conhecereis** é repetido para efeito de ênfase.

Duas Categorias de Discípulos (7:21–23)

²¹Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. ²²Muitos,

³³Hill, p. 151.

³⁴Veja referências ao fruto bom em João 15:8; Gálatas 5:22–24; Efésios 5:9–12; Colossenses 1:10; Tiago 3:17, 18.

³²Veja *Didaqué* 11–13; 16:3; Inácio, *Filadelfios* 2.1.2.

naquele dia, não de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? ²³Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.

Versículo 21. Jesus continuou contrastando dois tipos distintos de seguidores: os que obedecem e os que não obedecem. As palavras de Jesus parecem dar continuidade ao tema dos falsos profetas, que sofriam de auto-engano. Além de enganarem a quem ensinavam, também acabavam se enganando a si mesmos.

Jesus reconheceu que até falsos profetas, às vezes, falam a verdade. Eles se dirigiam a Jesus como **“Senhor, Senhor”**, denotando que reconheciam a autoridade e a divindade de Jesus. As confissões deles correspondiam às da igreja primitiva que afirmava: “Jesus é Senhor” (Romanos 10:9; 1 Coríntios 12:3; Filipenses 2:11). Em Lucas 6:46, Jesus perguntou: “Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?” A confissão “Senhor, Senhor” por si só é insuficiente. Ainda que operadores de milagres “auto-enganados” clamem a Jesus com estas palavras, eles não **entrarão no reino dos céus**. Jesus disse que só quem faz a vontade de Deus pode **entrar** no reino. Aqueles que querem ser salvos precisam atender certas condições: é deles a responsabilidade de conhecer a vontade de Deus e a ela obedecer. Jesus disse: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15). Mais tarde, João escreveu: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos...” (1 João 5:3).

Versículo 22. Na cena descrita por Jesus, os falsos profetas (discípulos desobedientes) estavam prestando contas a Jesus **naquele dia**³⁵, o dia do julgamento ou juízo final³⁶. A habilidade dos falsos profetas para **profetizar, expelir demônios e fazer muitos milagres** não foi confirmada nem negada por Jesus. Todavia, as palavras **“não temos nós”** antecipam uma resposta afirmativa. Pelo menos eles pensavam que haviam feito isso. É possível que tenham mesmo realizado esses milagres, invocando o **nome** de Jesus. Em Marcos 9:38 e 39, o

³⁵Veja referências a “aquele dia” em Mateus 24:36; Lucas 10:12; 17:31; 21:34; 2 Tessalonicenses 1:10; 2 Timóteo 1:12, 18; 4:8.

³⁶Veja descrições dia do julgamento em Mateus 24:36–51; 25:31–46; Atos 17:30, 31; 2 Coríntios 5:10; Apocalipse 20:11–15.

apóstolo João reclamou a Jesus de um homem que expelia demônios em nome de Jesus mas que não era discípulo do grupo deles. Em Atos 3:6 e 9:34, os apóstolos invocaram o nome de Jesus sobre as pessoas a quem curaram. Em certa ocasião, alguns exorcistas judeus invocaram o nome de Jesus para tirarem proveito disso para si mesmos, mas o plano deles não deu certo. O homem possuído atacou-os, deixando-os nus e feridos (Atos 19:13–16).

Versículo 23. Aqui vemos o veredito de Jesus ao julgar os desobedientes. As palavras **“direi explicitamente”**, neste contexto, indicam um pronunciamento legal. Embora se considerassem seguidores de Jesus e acreditassem que haviam realizado grandes milagres, não eram verdadeiros seguidores de Jesus.

Jesus disse claramente a eles: **“Nunca vos conheci”**. O mesmo sentimento é expresso na parábola sobre as cinco virgens néscias (25:12; veja Lucas 13:25). O que Jesus quis dizer com essa expressão? A declaração “nunca vos conheci” é uma fórmula de rejeição (veja 26:70, 72, 74). Paulo afirmou: “O Senhor conhece os que lhe pertencem”. A seguir, Ele disse: “Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor” (2 Timóteo 2:19).

As palavras **“apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade”**, espelham Salmos 6:9. As palavras do salmo são de um sofredor justo a seus perseguidores, e não de um juiz a malfeitores, como no contexto presente. “Apartai-vos de mim” indica que o castigo que os desobedientes estão experimentando é serem tirados da presença do Senhor (2 Tessalonicenses 1:9, 10; Apocalipse 21:7, 8; 22:14, 15). Apesar de alegarem ser seguidores de Cristo, esses pseudo-servos continuavam a “praticar a iniquidade”. Na língua grega, a palavra para “praticar” está no particípio presente, o que indica ação contínua. Embora alegassem realizar muitas boas obras, estavam vivendo em desobediência a Deus.

Dois Tipos de Construtores (7:24–27)

²⁴Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; ²⁵e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. ²⁶E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia; ²⁷e

caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

Versículo 24. Jesus encerrou Seu sermão com uma parábola sobre dois tipos de ouvintes (ou construtores). Nela Ele mencionou duas vezes **todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras** (7:24, 26). As palavras do Senhor são o fundamento sobre o qual devemos edificar o nosso caráter. Somente ouvir não basta; precisamos também agir conforme ou **praticar** as palavras de Jesus. A Bíblia enfatiza repetidamente a importância de “fazer” em contraste com só “ouvir”. Tiago disse que todo o que é meramente um “ouvinte da palavra” e não um “praticante” está enganando a si mesmo (Tiago 1:22–25). Só os praticantes da Palavra serão abençoados (veja Apocalipse 1:3).

Jesus comparou os que eram obedientes à Sua palavra com **um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha**. A “rocha” (πέτρα, *petra*) denota uma “pedra grande” ou “uma laje sólida”. Esse tipo de pedra forma um alicerce estável, imóvel e seguro. Quando as tempestades caíram sobre a casa do sábio, ela ficou firme. Construir na rocha equivale a obedecer ao ensinamento de Jesus. Quando construímos nossas casas espirituais sobre a rocha da Sua verdade, nossa fé permanece firme e nos sustenta quando as tempestades da vida se lançam violentamente contra nós.

Versículo 25. Jesus prosseguiu: “**E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha**”. O grego indica um jogo de palavras (προσέπεσαν... ἔπεσεν, *prosepesan... epesen*). Leon Morris traduziu esta parte da parábola desta forma: “Os ventos caíram contra a casa, e ele não *caiu*”³⁷. No que diz respeito ao pano de fundo da declaração de Jesus, Mounce disse que “a imagem vem das condições climáticas da Palestina. O país é seco na maior parte do ano, mas depois das chuvas de outono, de repente, torrentes podem invadir as gargantas áridas, arrastando o que encontram no caminho”³⁸. Quando Jesus apresentou o Sermão do Monte, Ele estava próximo do mar da Galileia; e esse cenário talvez tenha oferecido outra oportunidade para o pano de fundo da

³⁷Leon Morris, *The Gospel according to Matthew*, Pillar Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992, p. 182, n. 87.

³⁸Mounce, p. 70.

história. Wilkins propôs o seguinte:

A areia aluvial que subia em espiral pela costa do mar da Galileia era dura na superfície durante os meses quentes de verão. Mas um construtor sábio não se deixava iludir por essas condições superficiais. Ele cavava às vezes três metros abaixo da superfície de areia, até a laje de pedra, e ali estabelecia o alicerce da casa [Lucas 6:46–49]. Quando as chuvas de inverno viessem, inundando o leito do rio Jordão que deságua no mar, as casas construídas sobre a superfície de areia aluvial tinham uma camada de alicerce instável; mas as casas construídas sobre a laje de pedra eram capazes de suportar as cheias.³⁹

Versículos 26 e 27. Ao contrário disso, o **homem insensato** da parábola **edificou a sua casa sobre a areia**. A areia é instável, muda constantemente e é facilmente varrida pelas enchentes. Quando as tempestades caíram sobre a casa do homem insensato, ela **desabou, sendo grande a sua ruína**. As pessoas geralmente constroem suas casas espirituais sobre a areia quando aceitam “todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro” (Efésios 4:14). A fé dessas pessoas se baseia em opiniões, especulações e fábulas (veja 2 Timóteo 4:1–4). Jesus deixou claro que as nossas casas espirituais serão testadas. As casas construídas sobre a rocha resistirão ao teste final do julgamento. As casas construídas sobre as areias sempre móveis não conseguirão resistir “àquele dia” (Salmos 1:6; 127:1; Mateus 15:13).

A ADMIRAÇÃO DA MULTIDÃO (7:28, 29)

²⁸Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; ²⁹porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.

Versículo 28. As palavras **quando Jesus acabou de proferir estas palavras** ou seus equivalentes aparecem cinco vezes em Mateus (7:28; 11:1; 13:53; 19:1; 26:1), marcando o fim das cinco seções didáticas de Jesus. Este sermão continha os componentes básicos da mensagem de Jesus como um todo. As partes restantes de Sua mensagem foram proferidas por todo o Seu ministério pessoal.

Versículo 29. As pessoas que ouviram este sermão ficaram espantadas, maravilhadas, com

³⁹Wilkins, 53–54; veja Gordon Franz, “The Parable of the Two Builders”, *Archaeology in the Biblical World* 3 (Junho de 1995): pp. 6–11.

as palavras de Jesus. **Ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.** A palavra grega para “autoridade” (ἐξουσία, *exousia*) refere-se ao poder ou à autoridade de uma pessoa para reger ou governar (veja 8:9; 9:6; 10:1; 21:23). Jesus usou esta palavra em Sua grande comissão (28:18). Os escribas ensinavam citando extensas passagens dos escritos de eruditos judeus antigos. Tinham medo de expressar ideias sem o amparo de precedentes. A. T. Robertson escreveu: “Temos amostras desses discursos preservadas no Mishná e no Gemara, o Talmude judaico quando ambos foram concluídos, a coletânea de comentários desvinculados mais enxuta e maçante sobre todos os problemas concebíveis da história da humanidade”⁴⁰. Em contraste com os mestres judaicos, Jesus apresentou Seus ensinamentos vívidos, pessoais e ilustrativos como tendo autoridade por serem a Palavra de Deus (veja João 5:27; 10:18; 17:2). Ele não precisou recorrer à autoridade humana para nela embasar Seus ensinamentos. A autoridade de Jesus é enfatizada neste sermão pelas expressões “digo-vos” (5:18, 20, 22, 26, 28, 32, 34, 39, 44; 6:2, 5, 16, 25, 29) e “estas minhas palavras” (7:24, 26).

LIÇÕES

“NÃO JULGUEIS” (7:1–5)

Jesus condenou o julgamento hipócrita de quem condena outro estando envolvido em pecados semelhantes ou até mais graves. Mounce explicou:

A natureza humana nos estimula a prestar muito mais atenção às falhas alheias do que às nossas próprias faltas. Temos a tendência de avaliar os outros com base num padrão de justiça elevado que, de certa forma, não se aplica ao nosso próprio desempenho.⁴¹

Devemos seguir várias diretrizes para sermos justos na avaliação dos outros.

Devemos avaliar nossas próprias vidas. Temos que perguntar a nós mesmos, se estamos fazendo as mesmas coisas que julgamos serem ofensivas nos outros. Uma pessoa deve mudar antes de tentar mudar o mundo.

Devemos ouvir quando os outros nos criticam. Pode haver alguma verdade no que estão dizendo que pode nos ajudar a sermos melhores pessoas.

⁴⁰A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, vol. 1, *The Gospel According to Matthew—The Gospel According to Mark*. Nashville: Broadman Press, 1930, p. 63.

⁴¹Mounce, p. 64.

O ferro tem a capacidade de afiar o ferro (Provérbios 27:17).

Não devemos levar demasiadamente em conta as primeiras impressões. Um encontro geralmente não é o suficiente para se conhecer uma pessoa. Às vezes, as primeiras impressões são erradas.

Não devemos tirar conclusões precipitadas. Temos que tentar reunir todos os fatos e nos certificar de que nossas conclusões a respeito de outros não se baseiam em boatos.

Não devemos estereotipar as pessoas. É injusto julgar uma pessoa com base no passado, na raça, no sexo ou na posição sócio-econômica dela.

Devemos levar em conta as situações em que as pessoas se encontram antes de sermos demasiadamente críticos. Pode ser que a pessoa esteja enfrentando algumas questões difíceis na vida. Talvez nos comportássemos da mesma forma, se estivéssemos no lugar dessa pessoa.

Quando confrontamos pessoas, precisamos avaliar a nossa real motivação. Estamos preocupados com a situação espiritual dessas pessoas (Gálatas 6:1–4) ou estamos, simplesmente, tentando nos parecer melhores do que elas?

Conclusão. A ilustração de Jesus do hipócrita tentando julgar outro indivíduo serve de alerta para nós.

David Stewart

O PAI PERFEITO (7:7–11)

Jesus salientou que os pais terrenos, embora imperfeitos e pecadores, dão coisas boas aos seus filhos. Observando pais que amam seus filhos, podemos entender melhor o amor do Pai celestial e o nosso relacionamento com Ele em oração.

Hoje em dia, os pais humanos gastam muita energia suprimindo as necessidades de seus filhos. Eles querem ter certeza de que as necessidades básicas da vida, incluindo alimento, vestimenta e moradia, estão supridas. Além disso, os pais também se preocupam com o desenvolvimento intelectual de seus filhos através da formação escolar. Muitos pais ajudam os filhos com as lições de casa e os projetos especiais da escola, participam da associação de pais e mestres e até pagam uma escola particular. Geralmente também incentivam os filhos à prática de algum esporte, passando horas com eles no quintal de casa, num campinho ou em aulas especiais. Os pais também ajudam seus filhos no desenvolvimento espiritual, lendo a Bíblia para eles, orando com eles, sendo exemplo de vida cristã,

adorando a Deus com eles e sendo um professor na sala de aula bíblica deles. Se pais humanos fazem todas essas coisas para os seus filhos, quanto mais fará o Pai celestial para o bem dos Seus filhos!

Assim como um pai humano que ama o seu filho, o Pai celestial Se importa com nossas preocupações e necessidades, grandes e pequenas. Ele sabe do que precisamos antes mesmo de pedirmos. Às vezes, Ele permite que enfrentemos dificuldades na vida, sabendo que elas visam ao nosso bem e ao nosso crescimento espiritual. Muitas vezes, Deus nos dá o que precisamos quando não pedimos, e Ele continua a fazer isso mesmo quando nos esquecemos de agradecer. Outras vezes, Ele espera que peçamos porque Ele quer que confie-mos mais nEle e reconhecamos nossa dependência dEle. Nosso Pai pode retirar uma bênção quando a usamos de modo irresponsável. Diferentemente de pais terrenos, porém, nosso Pai celestial é perfeito e possui recursos ilimitados para cuidar de nós.

David Stewart

A REGRA DE OURO (7:12)

Naquilo que veio a ser conhecido como “A Regra de Ouro”, Jesus instruiu: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles” (7:12). Ou, numa linguagem mais moderna: “Em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam” (NVI). Em nosso cotidiano, é possível encontrar muitas aplicações deste ensinamento.

Em primeiro lugar, observemos a simplicidade da declaração de Jesus. Ela é simples o bastante para qualquer um obedecer. Ela coloca sobre cada um de nós individualmente a responsabilidade de como tratar o próximo, e isto não é determinado pelo tratamento que recebemos dos outros. Essencialmente, com essa atitude, estamos dizendo ao próximo: “Não importa como você me trata, vou tratá-lo com respeito e dignidade, como eu quero que me tratem”.

Em segundo lugar, a declaração não exclui algumas coisas ou pessoas, pois ela diz: “Tudo quanto” ou “em tudo” (NVI). Nenhuma pessoa ou tratamento que recebemos é deixado de lado; estão inclusas as pessoas que nos odeiam e nos tratam mal. Nosso Senhor deixou para nós o exemplo de como devemos tratar até os nossos inimigos (Lucas 23:34; 1 Pedro 2:21).

Em terceiro lugar, a declaração é mais do que uma sugestão. Ela é uma declaração enfática, um

código de conduta imperativo que Jesus estava transmitindo aos Seus seguidores. É impossível essa instrução ser entendida de outra maneira. Não importa quão difícil seja praticá-la, somos instados a executá-la através desse imperativo.

REGRAS PARA A VIDA (7:12)

Se as pessoas vivessem de acordo com a Regra de Ouro, nossos dias seriam fartos de tratamentos amorosos e cordiais. Todavia, alguém disse que as pessoas vivem basicamente por uma destas sete regras:

1. *A Regra de Lama* é a mais inferior de todas. É o estilo de vida do egoísta e do infame. Aqueles que praticam esta filosofia miserável ou regem ou arruinam os outros.

2. *A Regra de Argila* é o estilo de vida materialista e hedonista do “playboy”. Era essa a filosofia dos epicurianos – “Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos”.

3. *A Regra de Ferro* é a regra do “a razão está com os poderosos”. Essa foi a filosofia dos que açoitaram e roubaram o viajante na parábola de Jesus do bom samaritano.

4. *A Regra de Cobre* é a regra da reciprocidade: “Tratem os outros como tratam você”; “olho por olho, dente por dente”. Também chamada de “regra legal”.

5. *A Regra de Prata* é a regra da “bondade negativa”. Aqueles que vivem por esta regra nunca prejudicam ninguém, mas também não fazem nada de bom para ninguém.

6. *A Regra do Folheado a Ouro* é o inverso da Regra de Ouro: “Não faça aos outros o que você não quer que façam a você”. Não é preciso ser religioso para guardar esta regra.

7. *A Regra de Ouro* é a última dessas regras. É reconhecida até por não-cristãos como o ideal de moral. Herbert Hoover, um dos presidentes dos Estados Unidos, disse certa vez, durante o seu mandato: “Por causa da fraqueza humana, a Regra de Ouro pode ter suas violações diárias, mas seu excelente princípio, que visa ao bem comum, penetra e modifica profundamente todas as forças do mundo moderno em que vivemos”⁴². Pode não ser possível fazer todas as pessoas do mundo praticarem esta regra; porém, se conseguíssemos

⁴²Herbert Hoover, em palestra na Conferência Mundial da Associação dos Moços Cristãos, Cleveland, Ohio, E.U.A., em 8 de agosto de 1931.

apenas fazer os que alegam crer em Jesus praticá-la, que diferença isso faria!⁴³

FAZENDO ESCOLHAS (7:13–27)

Diariamente nos confrontamos com escolhas. Em algumas ocasiões, escolhemos entre o bom e o melhor; em outras, podemos escolher entre o menor de dois males. No texto em análise, as escolhas são claramente entre o bem e o mal. Nossas escolhas sempre vão oscilar entre o seguinte:

1. Andar no caminho apertado ou no caminho largo (7:13, 14);
2. Produzir bom fruto ou mau fruto (7:15–20);
3. Ser obediente ou desobediente (7:21–23);
4. Edificar sobre a rocha ou sobre a areia (7:24–27).

ESCOLHENDO O CAMINHO CERTO (7:13, 14)

Nestes versículos, Jesus usou a figura de um caminho para descrever a escolha entre dois estilos de vida que levam para dois destinos diferentes. O caminho que vamos escolher é totalmente entregue à nossa responsabilidade. Desde o começo da criação – começando com Adão e Eva no Jardim do Éden – Deus permitiu que as pessoas fizessem suas próprias escolhas.

A vida cristã é muitas vezes descrita como um “caminho”. De fato, esse é um dos nomes pelo qual a igreja primitiva era conhecida (Atos 9:2; 24:14). O salmista descreveu a escolha entre “o caminho dos justos” e “o caminho dos ímpios” (Salmos 1:1–6). Numa profecia que apontava para a vinda da era cristã, Isaías escreveu:

E ali haverá bom caminho,
caminho que se chamará o Caminho Santo;
o imundo não passará por ele,
pois será somente para o seu povo;
quem quer que por ele caminhe não errará,
nem mesmo o louco (Isaías 35:8).

Escrevendo para animar seus leitores a vencerem o cansaço espiritual, o autor de Hebreus disse: “Restabelecei as mãos descaídas e os joelhos trôpegos; e fazei caminhos retos para os pés” (Hebreus 12:12, 13).

Quando os israelitas se preparavam para entrar em Canaã, Moisés reuniu o povo para pronunciar uma mensagem de despedida e informar

que ele não entraria com eles na terra prometida (Deuteronômio 31:2). Nesta última fala, ele fez um apelo emocionante para que fossem fiéis a Deus (Deuteronômio 30:19).

Pouco antes de sua morte, Josué também desafiou Israel dizendo:

Agora temam o Senhor e sirvam-no com integridade e fidelidade. Joguem fora os deuses que os seus antepassados adoraram além do Eufrates e no Egito, e sirvam ao Senhor. Se, porém, não lhes agrada servir ao Senhor, escolham hoje a quem irão servir, se aos deuses que os seus antepassados serviram além do Eufrates, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra vocês estão vivendo. Mas, eu e a minha família serviremos ao Senhor (Josué 24:14, 15; NVI).

Quando o reino do norte estava quase completamente seduzido pela adoração a Baal, Elias encontrou-se com os profetas de Baal no monte Carmelo. Ele refutou o sincretismo religioso dos israelitas e interrogou-os: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o” (1 Reis 18:21).

Jeremias fez o povo de Judá se lembrar da escolha que teriam que fazer: ou permanecer em Jerusalém e ser destruído juntamente com ela ou fugir dela quando estivesse próximo o julgamento de Deus. Ele escreveu: “A este povo dirás: Assim diz o Senhor: Eis que ponho diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte” (Jeremias 21:8).

Desde o princípio, Deus deixou claro que o povo realmente só tinha duas opções. Nós também podemos optar por obedecer a Deus ou por desobedecer a Ele. Não há muitos caminhos para Deus; há só um (João 14:6). Não há muitas estradas que conduzem ao céu; há só uma (7:14). Temos que escolher entre a verdadeira religião e a falsa (15:9). O Sermão do Monte é um contraste entre a justiça de Deus, que conduz para a vida eterna, e a hipocrisia dos escribas e fariseus, que conduz para a morte eterna (5:20).

O CAMINHO LARGO E O CAMINHO APERTADO (7:13, 14)

O caminho “largo” é comparável à tolerância. Muitas pessoas acreditam que ser intolerante por qualquer motivo é errado. Com certeza, a intolerância, às vezes, é maléfica; mas quando Deus está sendo blasfemado, quando a verdade está sendo atacada, ou quando uma opinião humana está substituindo a Palavra de Deus, é certo ser intole-

⁴³O autor original desta ilustração é desconhecido.

rante. Não devemos ser maldosos ou odiosos, mas precisamos nos agarrar firmemente ao que a Bíblia ensina e recusar aceitar crenças e práticas erradas. Jesus foi intolerante com outros deuses (4:10), com corações divididos (12:30) e com quem ensinava outros caminhos até Deus (João 10:1-10; 14:6).

O caminho de Deus é apertado porque ele é o caminho da verdade e da santidade. Os cristãos muitas vezes são chamados de “mentes-estreitas”, como se ter a “mente-larga” fosse uma característica desejável. Neste texto, Jesus defendeu exatamente o oposto. Ele disse que ter “mente-larga” não é bom e que é preciso ter “mente-estreita”. Ter “mente-larga” não é a mesma coisa que ter “mente-aberta”. Ser “mente-aberta” é bom porque nos ajuda na busca e entendimento da verdade. Ao contrário disso, ter a “mente-larga” significa aceitar qualquer opinião ou moralidade diferente ou

qualquer estilo de vida. É por isso que Jesus nos advertiu a evitar o caminho largo.

Jesus disse: “Por isso, eu vos disse que morrereis nos vossos pecados; porque, se não creres que EU SOU, morreréis nos vossos pecados”; “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:24, 32). Ele também disse: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (João 15:13). Paulo insistiu com Timóteo: “te roguei... para admoestares a certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina” (1 Timóteo 1:3); e acrescentou: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1 Timóteo 4:16). O caminho que conduz à vida eterna é extremamente apertado e poucos o encontram.

Autor: Sellers Crain

© Copyright 2013 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS